REGÊNCIA DE NÚCLEOS VAZIOS

MARIA AUGUSTA CAVACO MIGUEL

0. *Introdução*

Na fala culta do Português europeu registam-se frequentes supressões vocálicas que se processam não de forma aleatória e imprevisível, mas sim padronizadas, à semelhança do que acontece noutras línguas como sejam o Francês e o Árabe, entre outras [1].

As supressões vocálicas, embora tenham sido atestadas desde há muito pelos fonólogos portugueses, não foram traduzíveis nas análises segmentais, devido à base de sustentação das mesmas; isto é, o fonema e o contexto. Não tendo [ø] [2] existência fonética, não é considerado fonema, apesar dos contrastes distintivos que trava com os verdadeiros segmentos. As mesmas considerações fonológicas poderão ser tecidas a respeito da vogal [ɨ]. Por conseguinte, estes contrastes dificilmente poderiam ter sido encarados como constituindo problemas fonológicos reais.

Os novos modelos teóricos vieram possibilitar abordagens mais satisfatórias a este nível. No plano multilinear, explica-se de forma coerente não só as supressões vocálicas como também os padrões de alternância da vogal [ɨ] com [ø] nos núcleos vazios.

---

[1] Cf. Charette (1991) e Kaye (1990).

[2] Zero, assim representado [ø], indica valor fonético nulo.

A vogal que alterna com [ø] em núcleos vazios pode ser foneticamente diferente de língua para língua (a do Francês é «schwa» enquanto que a do Árabe é [i]), no entanto os padrões de alternância que este tipo de vogais exibe através das diversas línguas humanas são sensivelmente os mesmos em todas elas. Este comportamento vocálico é interpretado por Kaye, Lowenstamm e Vergnaud (1990) com base nos princípios gerais da Fonologia da Regência (Government Based Phonology). Doravante utilizaremos a sigla Gb para designar este modelo fonológico. É seguindo a mesma linha de investigação que iremos analisar este fenómeno na língua portuguesa [3].

1. *Os núcleos vazios*

A noção de núcleo vazio já se encontra, hoje em dia, devidamente patenteada na fonologia portuguesa. Independentemente da teoria silábica com a qual se empreenda uma análise fonológica, jamais os extensos grupos de consoantes em contacto, originados pela supressão de vogais, poderão ser silabificados num único constituinte. Por conseguinte, a postulação de núcleos vazios ganha, desde logo, um reputável estatuto. Os núcleos vazios não são uma mera construção teórica, necessária para uma boa organização silábica. A sua existência pode ser comprovada cientificamente, assim como se pode justificar a presença e a ausência de vogal nestes núcleos.

Anderson (1982) foi um dos pioneiros na proposta de núcleos vazios nas representações lexicais das palavras. Kaye e Lowenstamm (1984), por seu lado, apresentaram uma concepção semelhante quanto à representação de uma vogal que alterna com zero, embora não tenham aderido à conclusão de Anderson de que uma sílaba vazia seja suprimida após a ressilabificação do seu ataque.

Na interpretação que Kaye (1990) faz da alternância entre [i] e [ø] no Árabe de Marrocos, esta deve-se à actuação do PG. A definição que o autor nos dá de núcleo vazio é a seguinte: «nuclei dominating a position which has no segmental content». E acrescenta ainda que «At times these positions are expressed phonetically and at times not. The point is that all such positions are present at the level of lexical representation.» (P. 132.) Um núcleo vazio

---

[3] Este estudo baseia-se em investigação desenvolvida para a dissertação de doutoramento, apresentada pela autora na Universidade dos Açores, em 1993.

não é, nesta perspectiva, o resultado do apagamento de um constituinte silábico; zero representa a falta de conteúdo fonético num núcleo existente numa representação lexical.

Segundo Kaye, Lowenstamm e Vergnaud (1990), as relações silábicas estabelecem-se no primeiro ciclo, como está assente no **Projection Principle** [4], e a sua estabilização dá-se a partir daí. Logo, qualquer esqueleto silábico, que contenha núcleos vazios, dará conta desses nós desde o início da representação e mantê-los-á através de toda a derivação.

A noção de núcleo vazio é uma noção fundamental na fonologia; um núcleo vazio está para a fonologia como a noção de *traço* está para a sintaxe [5]. Um segmento pode não ter realização fonética em determinadas circunstâncias mas o seu nó, uma vez estabelecido no primeiro ciclo, manter-se-á na estrutura silábica da palavra. A identificação de núcleos vazios nas representações lexicais das palavras deixa transparecer a sua composição segmental, permitindo-nos perspectivar a totalidade dos constituintes silábicos que entram na sua formação, mesmo quando os mesmos não tenham realidade fonética [6]. Deste modo, qualquer estudo fonológico, quer na camada silábica quer na camada autossegmental, ganha outra dinâmica com o panorama dos núcleos vazios.

Na língua portuguesa, os núcleos vazios estão bem visíveis em palavras como *querer* e *crer; superar* e *soprar,* as quais podem ser pronunciadas sem qualquer contraste fonético — [krér] e [suprár] — ou, alternativamente, pode-se realizar foneticamente a vogal [i] nas palavras *querer* [kirér] e *superar* [supirár], mas não nas palavras *crer* e *soprar* [7]. Esta possibilidade de alternância da vogal [i] com zero [ø] numas palavras e noutras não tem uma explicação fonológica concreta. Existe uma diferença apreciável nas representações silábicas destas duas palavras que as distingue, mesmo quando seja possível dar-

---

[4] Cf. Definição de «Projection Principle» em Kaye, Lowenstamm e Vergnaud (1990).

[5] Anderson (1982) apresenta esta noção no seu estudo de «schwa» em Francês e diz a esse respeito o seguinte: «it is suggested that the vowel schwa should be regarded as a phonological syllabic nucleus unfilled by any phonetic content in underlying structure — analogous to «empty nodes» in syntax» (p. 534).

[6] Entendemos que a fonética não constitui um suporte fiável para a verificação dos fenómenos fonológicos. No decorrer deste artigo poder-se-á constatar a importância fonológica de unidades foneticamente nulas.

[7] Cf. Delgado-Martins (1986) para uma abordagem destes contrastes.

-lhes o mesmo valor fonético, como se pode ver nas representações em (1.a) e (1.b) [8].

(1.a)

A	N	A	N	A	N	A	N
|	|	|	|	|	|	|	|
x	x	x	x	x	x	x	x
|	|	|	|	|	|	|	
s	u	p	v°	r	á	r	

(1.b)

A	N	A		N	A	N
|	|	/	\	|	|	|
x	x	x	x	x	x	x
|	|	|	|	|	|	
s	u	p	r	á	r	

A observação das representações silábicas destas palavras revela-nos que existem duas estruturas diferentes: em *superar*, [p] e [r] estão separados por um núcleo vazio que pode ou não realizar-se foneticamente na vogal [ɨ]; em *soprar*, [p] e [r] são ambos membros de um único constituinte, o que impede a interposição de uma vogal. Como resultado, temos que a palavra *superar* pode ser pronunciada tal como *soprar,* quando a vogal [ɨ] não é realizada, enquanto *soprar* nunca poderá ser pronunciada [supörár], visto que *p* e *r* formam um encontro consonantal inseparável, ao estarem ligados ao mesmo constituinte silábico.

Até agora, a postulação de constituintes com núcleos vazios poderá parecer *ad hoc*, pode-se, no entanto, comprovar empiricamente a sua existência. Basta, para tanto, que prefixemos com *in-* ou *des-* palavras começadas por vogal e por consoante, para que a reacção dos prefixo nos dêem conta desta realidade fonológica. É o que podemos verificar nos exemplos que se seguem:

a) acabado / inacabado [ɐkɐbádu] / [inɐkɐbádu]
oportuno / inoportuno [ɔpurtúnu] / [inɔpurtúnu]
b) feliz / infeliz [fliʃ] / [ĩfliʃ]
possível / impossível [pusívɛɬ] / [ĩpusívɛɬ]

[8] O símbolo (v°) representa uma vogal que ocorre num núcleo vazio e que pode ter ou não interpretação fonética.

c) esquecer [ʃkɛsér] / inesquecível [inɨʃkɛsíveɫ] *[ĩʃkɛsíveɫ]
esperado [ʃpɨrádu] / inesperado [inɨʃpɨrádu] *[ĩʃpɨrádu]
d) igual / desigual [igwaɫ] / [dzigwaɫ]
animar / desanimar [ɐnimár] / [dzɐnimár]
e) fazer / desfazer [fɐzér] / [dɨʃfɐzér]
bravo / desbravar [brávu] / [dɨʃbrɐvár]
f) esperar / desesperar [ʃpɨrár] / [dzɨʃprár]
estimável / desestimável [ʃtimávɛɫ] / [dzɨʃtimávɛɫ]

Como vemos nos exemplos *a*) e *b*), o prefixo *in-* toma a forma fonética [in] ou [ĩ], conforme se junta a uma palavra começada por vogal ou por consoante. Os exemplos apresentados em c) começam foneticamente por consoante, no entanto, ao prefixá-los de *in-*, a reacção do prefixo não se faz do mesmo modo que em *b*). Na verdade, ele reage como se se estivesse a juntar a palavras começadas por vogal, o que não corresponde à realidade fonética dos exemplos. O mesmo acontece com o prefixo *des-* nos exemplos de *d*), *e*) e *f*), o qual toma a forma fonética [dɨʃ] ou [dɨz], consoante se junta a palavras começadas por consoante surda ou por vogal, respectivamente.

A justificação para o comportamento dos prefixos em *c*) e *f*) é a de que o mesmo está a reagir à presença de um núcleo vazio existente no início destas palavras que, embora não contenha uma vogal foneticamente expressa, desencadeia a reacção do prefixo à presença do núcleo.

2. *A vogal* [ɨ] *no Português europeu*

O facto de [ɨ] não contrastar com outra vogal em posição tónica, bem como a sua capacidade de ser foneticamente zero, desmereceu-lhe a importância fonológica devida. Barbosa (1965) considerou-a fechada e fugaz, observando-lhe a capacidade de desaparecer totalmente. Mas esta capacidade que a vogal [ɨ] tem de aparecer e, sobretudo, de desaparecer nunca receberia uma explicação compatível com a natureza do problema.

Mattoso Câmara (1971) vê a «reposição da vogal temática -e, que está suprimida no singular mas que aparece no plural [...]» (pp. 59-60) [9], nos moldes em que Dell (1973) explica o desaparecimento do «t» final do adjec-

[9] Cf. ainda J. Carvalho (1962) sobre este mesmo assunto.

tivo «petit» e o seu surgimento na forma feminina «petite». E, embora as análises de Dell e de Mattoso Câmara não tenham sido contundentes, Dell, por seu lado, pôde aperceber-se de que a vogal «schwa» era particular pela sua propriedade de poder alternar com zero, tendo argumentado que alguns processos fonológicos podem ser mais facilmente explicados com a proposta de «schwa» em forma subjacente, enquanto Mattoso Câmara se deu conta de que os nomes terminados foneticamente em consoante têm uma extensão vocálica não audível no singular dessas palavras.

Numa perspectiva generativista, Mateus (1974) e E. d'Andrade (1977) explicaram a vogal [ɨ] em forma fonética como sendo o resultado da aplicação de regras fonológicas de elevação das vogais /e/ e /ɐ/ átonas. Na realidade, e ao contrário daquilo que se chegou a pensar, a vogal [ɨ] não é o resultado da elevação de segmentos. Se assim fosse, não poderíamos restringir a sua origem aos segmentos /e/ e /ɛ/ em forma de base, pois ficariam por explicar formas fonéticas como as seguintes:

a) definir [dɨfɨnír]
medicina [mɨdisínɐ]
b) futuro [fɨtúru]
capítulo [kɐpítɨlu]
c) abstracto [ɐbɨStrátu]
admirar [ɐdɨmirár]

No caso dos exemplos de *a*), o som [ɨ] surge no lugar de uma vogal [i]; nos exemplos de *b*), [ɨ] emerge onde existia uma vogal [u] e, nos exemplos de *c*), [ɨ] surge num núcleo vazio, ou seja numa posição onde não existia previamente qualquer segmento [10].

A insuficiência das análises lineares deve-se ao facto de ser praticamente impossível delinear todos os contextos em que esta vogal pode surgir ou ser suprimida e captá-los em regras fonológicas.

Na nossa análise dos núcleos vazios, a vogal [ɨ] ocupará um papel de destaque. O carácter desta vogal e a sua natureza intrínseca mostram que ela não é mais do que a interpretação fonética de um núcleo vazio no Português europeu [11].

---

[10] Kaye (1995) diz a esse respeito: «An unlicensed empty nucleus is normally interpreted as [ɐ] which is what the identity element sounds like.» (P. 296.)

[11] Apesar de se tratar da mesma língua, este papel é desempenhado pela vogal **i** no Português do Brasil.

3. *A Regência em Sentido Estrito («Proper Government»)*

Sendo a proposta dos núcleos vazios sustentável, é preciso saber em que circunstâncias é que eles se podem desprender do seu conteúdo fonético. Para responder a esta pergunta, Kaye Lowenstamm e Vergnaud (1990) propuseram a noção de Regência em Sentido Estrito («Proper Government» (PG)) em fonologia. O PG é um tipo de regência mais forte do que a regência silábica, em que os núcleos assumem funções de regência transsilábica. Segundo estes investigadores, um núcleo vazio é uma categoria vazia que está a ser regida por outro núcleo, se existirem as condições para que essa regência se manifeste. A regência transnuclear tem duas modalidades: ou se processa núcleo a núcleo ou é livre *(unbounded)* [12].

O papel do PG é o de **autorizar** posições nucleares vazias, sempre e quando se observe a **Condição de Localidade**; isto é, se e somente se os núcleos forem adjacentes nas suas projecções. Assim, numa regência núcleo a núcleo, uma posição nuclear α rege com PG uma posição nuclear β se e somente se:

1 — α for adjacente a β na sua projecção;
2 — α não for ela própria autorizada;
3 — não houver domínios de regência entre α e β.

Sempre que se observem estas condições, o núcleo regido não necessita de ser realizado foneticamente, o que equivale a dizer que ele é zero [ø]. É esta noção que define o **Princípio das Categorias Vazias** que, por comodidade, repetimos aqui: «A position may be uninterpreted phonetically if it is properly governed» (KLV 1990: 219).

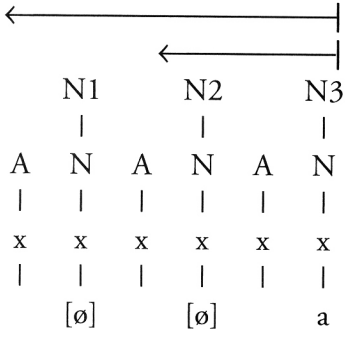
Dada a exigência de localidade, para que haja uma relação de regência entre o regente e o regido, estes devem ser adjacentes nas suas projecções. Na regência livre é possível estabelecer adjacência em mais do que um nível de projecção. Em contrapartida, para que se estabeleçam relações de regência núcleo a núcleo, o núcleo regente fica estritamente adjacente ao regido e terá que ter interpretação fonética pela condição (2) do PG.

---

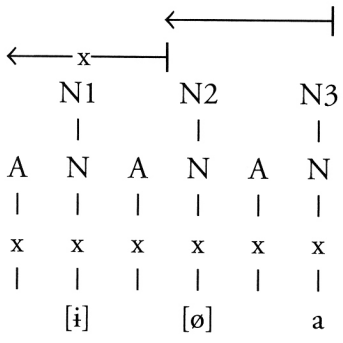
[12] A possibilidade de regência em mais do que um núcleo em simultâneo observa-se, por exemplo, no Árabe de Marrocos, dialecto de Marrakech.

Ilustraremos a adjacência a nível das projecções nucleares nos esquemas seguintes:

(2) Livre



(3) Núcleo a Núcleo



Existem nestes esquemas três núcleos, os quais foram projectados e numerados N1, N2 e N3 para facilitar a descrição: N1 e N2 são núcleos vazios; N3 contém uma vogal, a qual no modelo de regência livre, representado em (2), rege N2 num nível de projecção e N1 noutro nível. Na regência núcleo a núcleo, representada esquematicamente em (3), o PG, procedendo de N3 (i. e. de um dos núcleos adjacentes nas suas projecções ao núcleo vazio), rege N2 autorizando o núcleo vazio. No mesmo nível, N2 não pode reger N1 apesar de lhe ficar adjacente na projecção pelo facto de não ter leitura fonética. Neste caso concreto, N1 é um núcleo vazio sem regência, portanto, terá que ser interpretado foneticamente.

De um modo universal, a regência transnuclear, PG, é direccional e a sua direccionalidade é definida parametricamente. Existe a opção de ser um núcleo da direita a reger um núcleo da esquerda, e nesse caso o PG tem a direcção direita-esquerda ou, pelo contrário, pode ser um núcleo da esquerda a reger um núcleo à sua direita, o que dá uma direccionalidade esquerda-direita; menos comummente, pode surgir um núcleo que reja simultaneamente dois núcleos, como se disse anteriormente no caso de um PG livre.

Existindo todas estas possibilidades, e em virtude dos núcleos vazios surgirem frequentemente em diversos pontos numa palavra, cabe-nos demonstrar qual é a variação paramétrica do Português europeu no que concerne à direccionalidade do PG. Para podermos comprovar essa direccionalidade, começaremos por reduzir a faixa de actuação desta regência a fim de facilitarmos a determinação do sentido em que ela opera. Analisemos, em primeiro lugar, os núcleos pretónicos.